

MICRO-HISTÓRIA E SEUS USOS: RELATOS DE VIAGENS COMO FONTES HISTORIOGRÁFICAS

Data de submissão: 02/05/2023

Data de aceite: 03/07/2023

Lucas Cairê Gonçalves

Universidade Estadual de Maringá

Maringá – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/6934160187448979>

RESUMO: Os séculos XIX e XX foram marcados por diversos paradigmas historiográficos com diferentes métodos e teorias. Urgia-se um dever do historiador em elaborar um método que completasse lacunas que não eram possíveis com as teorias até então presentes. A escola dos Annales, fundada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, renovaram a visão histórica até então positivista, ampliando significativamente o leque do que poderia ser considerada como fonte. Influenciada por esse processo de diversificação das fontes, a micro-história desenvolvida na segunda metade do século XX surge como uma alternativa para o estudo crescentes dessas novas fontes historiográficas. Para tanto, o objetivo do presente trabalho foi realizar um estudo teórico-metodológico da Nova História Cultural e da Micro-história e como trabalhar, a partir delas, analisando fontes como relatos de viagens. Por se constituírem em sua maioria uma escrita em

primeira pessoa, esses relatos permitem uma imersão do leitor com o que foi escrito, provendo informações valiosas acerca do contexto social, cultural, econômico e político de um determinado local.

PALAVRAS-CHAVE: Micro-História; Nova História Cultural; Ciência Natural; Naturalistas;

MICROHISTORY AND ITS USES: TRAVELS ACCOUNTS AS HISTORIOGRAPHICAL SOURCES

ABSTRACT: The 19th and 20th centuries were marked by different historiographical paradigms with different methods and theories. There was a sense of duty for the historians to develop a method that could fulfill gaps that were not possible with the present theories. The Annales school, a historical movement founded in 1929 by Marc Bloch and Lucien Febvre, renewed the positivist historical vision from the 19th century, significantly expanding the range of what could be considered a historiographical source. Influenced by this process of source diversification, the micro-history emerged in the second half of the 20th century as an alternative for the growing study of these new sources. Therefore, the objective of this

study was to carry out a theoretical-methodological study of the New Cultural History and Microhistory and how to use them to analyze sources such as travel accounts. The fact that these accounts were mostly written in first person, allows the reader to immerse themselves in what was written, providing valuable information about the social, cultural, economic and political context of a particular place.

KEYWORDS: Microhistory; New Cultural History; Natural Science; Naturalists;

INTRODUÇÃO

A produção historiográfica, assim como outras produções científicas, necessita de um processo, uma teoria, um método científico que norteie quem arrisca a se aventurar nesse caminho. Esse método, contudo, não é uma estrutura imóvel, pelo contrário, é um processo maleável, influenciado fundamentalmente pelo tempo-espaço em que se encontra: um determinado método poderia ser eficiente para cientistas formularem e provarem questionamentos no alvorecer do período iluminista, no século XVIII, contudo, hoje, em pleno século XXI, tal método já não é suficiente. É necessário que haja uma adaptação para suprir as demandas do presente espaço-tempo.

Assim como variam os métodos, também a constituição das características da história varia. Como resultado, postulou-se uma questão primordial e que até os dias de hoje não apresenta uma única resposta, embora uma gama de cientistas se propusera a respondê-la: O que é história? É partindo desse questionamento que variadas correntes historiográficas se constituíram não só no intuito de responder essa pergunta, mas como diversas outras que surgiram a partir desta: por que se deu isso? Qual era o interesse? Como era? Por que era assim? Etc. Essas correntes também recebiam forte influência do pensamento político, filosófico, econômico, do tempo e espaço. Por exemplo: a corrente historiográfica positivista se fundou a partir dos pensamentos do filósofo Auguste Comte; a corrente marxista do sociólogo Karl Marx; entre outros exemplos. É importante ressaltar que algumas dessas correntes dividiam o mesmo tempo espaço, não há uma linearidade em que o início de uma corresponde ao fim de outra. Elas convivem, se influenciam, confrontam-se, uma não é superior ou inferior a outra, cada uma cumpre o papel no qual foi designada e cabe ao cientista escolher qual ou quais delas o agradam.

Nesse cenário de crises, buscou-se novas alternativas que pudessem auxiliar no problema. Uma dessas alternativas foi a produção de uma história com ênfase na cultura. Vale ressaltar que a história focada em aspectos culturais já se mostrava presente no meio científico, desde o século XVIII já se encontram histórias da cultura humana ou de certos povos, regiões. Todavia, foi com a chamada “Nova História Cultural” que houve uma ampliação expressiva do número de fontes, de pesquisas, de temáticas, de produções.

Para a elaboração desse trabalho, realizei uma divisão em três partes na qual acredito ser mais satisfatória para o desenvolvimento do mesmo. A priori, abordei brevemente a temática da nova história cultural e da história natural; no segundo momento tratei acerca

da micro-história, temática fundamental para o desenvolvimento desse trabalho; e no terceiro momento, apresentei características metodológicas referentes aos relatos de viagens, centralizando em três naturalistas em particular: Alfred Russel Wallace e o casal Louis e Elizabeth Agassiz.

NOVA HISTÓRIA CULTURAL E HISTÓRIA NATURAL

De acordo com Peter Burke (2008), a nova história cultural se preocupou em construir um ideal de identidade tanto individual quanto coletiva. Segundo ele, nesse período cresceu o interesse pelos chamados “documentos ego”, que eram em sua essência documentos escritos em primeira pessoa: diários, cartas, narrativas de viagem, autobiografia etc. O interesse nessas fontes não se limitava apenas ao conteúdo, ampliavam os horizontes para uma observação da maneira como era escrita, a época, a posição social, o sentimento presente, era feita análise de uma certa “auto-apresentação” de quem e para quem se escrevia. Para Burke (2008), a inclusão do gênero “documento ego” atizou o interesse de historiadores que buscam representar pessoas que diziam possuir uma identidade, mas na realidade eram completamente diferentes, por exemplo: encontram-se relatos de mulheres que, com o intuito de participar de incursões belicosas, trajavam-se de homens para serem aceitas no exército.

Desde a antiguidade grega, já havia a preocupação em estabelecer e desenvolver a ciência, e dois nomes, dentre vários outros, se destacam: Platão e Aristóteles. As teorias desses dois filósofos estendem suas influências nas mais diversificadas áreas, como física, matemática, filosofia, biologia etc. Platão postula que a essência do homem é imutável, ou seja, ela é fixa em sua forma, seu espírito, sua estrutura, e isso também se aplica a outros seres que desde que foram concebidos, se mantém da exata forma. Ao contrário de Platão, Aristóteles apresenta que a matéria se direciona seguindo um fluxo da natureza, e para isso ela não pode se manter estática, já que a natureza se diversifica conforme o tempo e espaço. As postulações que esses dois filósofos gregos desenvolveram influenciaram amplamente o estabelecimento de novos conceitos, sendo, durante séculos, “professores” e direcionadores de pensamentos que perpassam a Idade Média, a Modernidade e fincam raízes até os dias de hoje.

Paralelo a esses pensamentos, é válido mencionar a força e importância que a Igreja Católica atuava na mentalidade do homem. O Criacionismo, em especial uma “Teologia Natural”, ditava os pensamentos considerados “legítimos e válidos”, até boa parte do século XVIII e XIX, onde, embora se mostre presente uma “ruptura” com os pensamentos religiosos e a ciência, muitos naturalistas como Louis Agassiz e Charles Darwin mantiveram por períodos ou até mesmo durante uma vida, a influência religiosa em seu universo científico. Pensava-se que a grandiosidade e a variabilidade natural, não podiam ser explicadas cientificamente, e para isso se creditava como mais uma das grandiosas obras de um ser

todo poderoso: Deus. Esse ser magnificante havia traçado a história de todos animais e plantas, estabelecendo suas características e suas particularidades.

A História Natural, assim como outras terminologias, é um conceito elaborado para designar um conjunto de ciências consideradas “naturais”, como biologia, botânica, zoologia, ecologia etc. O termo “História Natural” foi amplamente empregado e difundido no período dos séculos XVIII e XIX, período em que grandes pensadores como Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon, e Louis Agassiz buscaram compreender e atribuir um sentido específico a esse termo tão genérico.

A MICRO-HISTÓRIA

Dentre esse universo de correntes historiográficas, uma em particular se apresenta de forma essencial tanto para a elaboração desse trabalho: a micro-história. A micro-história é algo relativamente recente, surgiu em meados das décadas de 1970 e 1980, sendo Carlo Ginzburg e Giovanni Levi seus principais representantes¹. Ela é uma das múltiplas respostas à crise anteriormente mencionada, um rearranjo de teorias e metodologias para os problemas latentes que se instauraram na gama historiográfica. Foge do escopo de métodos anteriores que davam notoriedade a grandes feitos e grandes pessoas, enaltecendo os valores das culturais regionais e saberes locais. O foco da preocupação não é necessariamente a compreensão das representações, mas sim a ampliação dos horizontes de observação do historiador. Como cita Giovanni Levi (1992): “Era mais importante refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos.” A prática da micro-história consiste em analisar uma fonte material a partir de um “microscópio”, ou seja, diminuem-se as escalas cronológicas, geográficas, para um escopo de observação dos detalhes. Para exemplificar, segue um breve relato de um ensaio em que a micro-história está presente: a carnificina ocorrida contra os camponeses na comuna francesa de Romans, durante o carnaval de 1579 e 1580, cujos desdobramentos influenciaram-na revolução francesa no ano de 1789. Esse exemplo citado advém da obra de Emmanuel Le Roy Ladurie (2002), a partir de um estudo da vida camponesa se cria um panorama de como as insatisfações e as reivindicações se perpetuaram ao longo dos séculos e exerceram grande influência no desenvolvimento de uma revolução de grande escala. Nesse sentido, a micro-história preenche lacunas que outros planos não conseguiam ou mesmo não davam tal relevância, mas que partindo de uma premissa de observação do plano micro da vida cotidiana, torna-se possível a obtenção de informações valiosas que enriquecem tremendamente nossa historiografia. Carlo Ginzburg (1989) também apresenta uma consideração importante para o trabalho do historiador com seu Paradigma Indiciário. Ginzburg pressupõe que a realidade está repleta de pequenos detalhes que necessitam de um crivo delicado

¹ A lista de representantes da micro-história é extensa. Cabe menção a autores como Natalie Zemon Davies, Emmanuel Le Roy Ladurie, Jacques Revel, entre outros.

para vislumbrá-los. Ao identificar e analisar essas particularidades, é possível verificar a realidade em uma profundidade inabitual, captar sinais que escaparam aos olhos de uma análise mais superficial. Ginzburg comenta que a partir do século XIX novos paradigmas e métodos foram surgindo, se colocando entre o racionalismo e o irracionalismo. Um desses é o método Morelliano. Giovanni Morelli² expôs que ao analisar uma obra de arte, não se deve focar nas características ensinadas pelas escolas artísticas, mas sim nos detalhes menores e característicos de cada artista. Morelli é comparado a Sherlock Holmes³ no que concerne a análise dos pormenores, como dedos, orelhas, narizes, tal como um perito criminal. Além de Morelli, Freud também ressalta que esses mínimos detalhes são o que revelavam a diferença entre a originalidade e a falsificação, ou seja, um conjunto de princípios e procedimentos centralizados nos mínimos detalhes refletem em uma visão mais ampla do objeto.

O autor Jacques Revel (1998) discorre que a micro-história não constitui precisamente como uma escola. Segundo ele:

O caráter extremamente empírico da abordagem explica que mal existia um texto fundador, um mapa teórico da micro-história. É que ela não constitui um corpo de proposições unificadas, nem uma escola, menos ainda uma disciplina autônoma [...] A micro-história nasceu como uma reação, como uma tomada de posição frente a um certo estado da história social, da qual ela sugere reformular concepções, exigências e procedimentos. Ela pode ter, nesse ponto, valor de sintoma historiográfico. (REVEL, p. 16)

Para Revel, a micro-história ganhou espaço com a crise do antigo modelo de história social, em meados da década de 1970, apresentando características diferentes em seus objetivos e suas metodologias. Concomitante com Ginzburg e Levi, Jacques Revel aborda a expansão dos novos horizontes provinda da análise da documentação a partir de um plano micro, distanciando-se da história no plano macro que vinha sendo trabalhada há anos. Com efeito, a micro-história produziu redefinições de conceitos que o autor elenca da seguinte forma: redefinição dos pressupostos da análise sócio-histórica; redefinição da noção de estratégia social; redefinição da noção de contexto; à hierarquia dos níveis de observação. Revel indica que essa passagem para uma história no plano micro levantou uma problemática de ordem em que ela transfigurou a essência da informação e a conexão entre historiador e fonte. Analisando o material de maneira “microscópica” levanta-se a questão, a partir do estudo, de o que é relevante para desenvolver e o que não é.

RELATOS DE VIAGENS

O desenrolar da história cultural ampliou largamente o que se considera como fonte e as metodologias para o estudo dela. Desenvolveu novas segmentações de ramos historiográficos que hoje se tem uma infinidade de exemplos: a história das memórias; a

² Giovanni Morelli foi um importante historiador da arte do século XIX.

³ Personagem britânico de ficção literária criado por Sir Arthur Conan Doyle, no século XIX.

história da fala; a história do corpo; a história das viagens etc. Não é novidade humanos migrarem de um ponto no globo a outro seja em busca de alimentos, seja em busca de melhores condições climáticas, catequização, e desde tempos remotos esses viajantes registravam oralmente e discursivamente as experiências adquiridas nos locais que visitavam. Os que mais se demonstram-se proveitosos a esse trabalho, são os relatos escritos dessas viagens. Comparáveis a diários, esses relatos tecem informações detalhadas sobre cultura, alimentação, costumes, estruturas, provocando uma imersão no leitor com a obra.

A obra de Mary Louise Pratt (1999) é uma peça-chave no desenrolar do estudo dessas novas fontes. Fruto de um extenso trabalho de pesquisa, Pratt apresenta uma versão do imperialismo que foge dos modelos tradicionalmente trabalhados. Tendo como fontes principais os relatos de viagem, a autora apresenta um panorama de relatos de viajantes que, desde a segunda metade do século XVIII, cruzaram diferentes regiões do globo, bem como as diferentes camadas de interpretação de “Colônia” e “Império”. Inserida em um contexto de uma “onda” com temáticas decolonialistas da segunda metade do século XX, a autora estabelece críticas aos modelos europeus acerca da visão de regiões colonizadas, em especial a África e América. Modelos estes que voluntariamente excluem a importância do papel dos nativos na transmissão de conhecimento para os cientistas. Ao analisar diferentes relatos de viagens, nota-se como esses naturalistas, ao chegarem em um novo continente, são auxiliados pelos conhecimentos e pelas experiências dos nativos, e que a partir dessa ajuda, desenvolveram seus trabalhos que foram levados para outras regiões. Esse fenômeno que a autora chama de “transculturização”, reafirma a diferença de poder entre os colonizadores e colonizados, apropriando-se de materiais, os colonizadores constroem modelos de interpretações que assim serão considerados como “europeizados”. Pratt questiona até qual nível a representação oriunda desse contato entre colonizadores e colonizados, bem como as relações que tiveram ao longo dessa experiência, retrata uma valoração europeia, uma romantização, de moldes que reafirmam o poder de um sobre o outro. Seguindo a linha proposta por ela, é notório que tribos nativas e escravos tiveram um papel fundamental no auxílio da criação científica desses naturalistas, mas que raramente se dá o devido crédito à essas populações “de baixo”. O conhecimento científico de diferentes regiões, em sua maioria, se findava no campo teórico, a partir de livros, artigos, materiais coletados por terceiros. Há, então, uma problemática em sair do campo teórico em direção ao campo prático justamente pela falta de conhecimento empírico que esses naturalistas tinham, e por isso a importância do saber do povo local. O reconhecimento de áreas com maior risco de acidentes, perigos de animais, doenças, parasitoses, consumo de alimentos que são venenosos, regiões onde há conflito entre tribos, e diversos outros assuntos que devem ser levados em conta para se aventurar, e nesse papel, o conhecimento dos nativos é fundamental.

Entusiastas do campo da história cultural, os naturalistas se especializaram em

encontrar respostas para questões latentes da época nas mais variadas áreas científicas. Dentre essa gama de naturalistas, lidarei, nesse trabalho, principalmente com relatos de cientistas que viajaram ao Brasil no século XIX, em especial os que galgaram as regiões paraense e amazônica, tal e qual cartas, diários, desenhos, jornais, pinturas etc. Alfred Russel Wallace e o casal Louis e Elizabeth Agassiz viajaram ao norte do Brasil, em específico a Amazônia e o Grão-Pará⁴, e realizaram suas pesquisas, análises e coletas, contudo, esses naturalistas se encontram em lados opostos da balança, seguindo e defendendo diferentes pensamentos biológicos: enquanto Wallace é entusiasta e defensor do evolucionismo, o casal Agassiz possui uma vertente mais fixista⁵.

É dessa premissa em busca de comprovações que os diários e os relatos de viagens se tornam importantes instrumentos para a sustentação de ideias e pensamentos que os naturalistas desenvolviam. Vale ressaltar que os relatos de viagem não são invenções desse período do XVIII e XIX, eles se mostram na história desde tempos remotos, mas foi a partir da Escola dos Annales, de Marc Bloch e Lucien Febvre, que ele ganhou força como fonte histórica. A importância desses relatos se dá principalmente pela riqueza de informações e detalhes presentes na obra: desde vestimenta até organização arquitetônica, perpassando por alimentação, festas, rituais etc., tudo destrinchado nos fornecendo a experiência de nós mesmos termos participado do momento. Para o desenvolvimento desse trabalho, foi elencado como fontes principais os relatos de viagem de Alfred Russel Wallace “Viagens pelo Amazonas e Rio Negro” e de Luís e Elizabeth Agassiz “Viagem ao Brasil 1865-1866”.

WALLACE E CASAL AGASSIZ

Alfred Russel Wallace nasceu no dia 08 de janeiro de 1823 em Kensington Cottage, próximo a comunidade de Usk, em Monmouthshire, Inglaterra, sendo o oitavo de nove filhos de uma família bastante modesta. É interessante ressaltar, que, essa cidade de Monmouthshire se encontrava sob domínio e influência inglesa, sendo somente em 1974 definitivamente limitada como região do País de Gales. Aos 14 anos de idade, Wallace teve de abandonar os estudos para trabalhar com seu irmão carpinteiro, contudo, em 1845, teve contato com a obra de Robert Chambers “Vestiges, of natural history of creation”, essa obra mudou os rumos da vida de Wallace. No começo da década de 1840, Wallace começou a trabalhar na Collegiate School, na cidade de Leicester, cidade essa que detinha uma ótima livraria, e acredita-se que foi nesse local que ele conheceu o naturalista Henry Walter Bates. Outro livro, novamente, influenciou Wallace a, no final dos anos 1847 e começo de 1848, decidir por convidar Bates para acompanhá-lo até o Brasil, em especial na região norte do país. Esse livro era “A Voyage up the River Amazon”, de William Henry Edwards. Wallace e Bates partiram, então, de Liverpool no dia 26 de abril de 1848 e chegando, em 28

4 Após 1889 teve seu nome alterado para Pará.

5 Fixismo postulava que as espécies foram criadas por uma “força superior”, um “divino”, já adaptadas ao ambiente em que se encontrava, sem haver a necessidade de passarem por adaptações.

de maio, a Belém do Pará. Alfred Russel Wallace faleceu de causas naturais, aos noventa anos, no dia 7 de novembro de 1913.

A viagem de Wallace durou aproximadamente quatro anos, tendo ele visitado diversas cidades na região que compreendia o Grão-Pará, indo até a parte venezuelana da Amazônia, recolhendo, catalogando e classificando diversas espécies de insetos, peixes, animais, plantas, frutas, objetos etc. Wallace tomou nota, também, sobre as diversas populações indígenas da área na qual percorreu, descrevendo um relato antropológico de suas tradições, costumes, culta, alimentação, dos trabalhos, do artesanato. Essa foi uma viagem de importância tremenda para Wallace pois abriu caminho para que ele desenvolvesse a tese de que algumas barreiras naturais, como montanhas, rios, separavam espécies de mesma família bem como surgiam novas famílias, como pode ser observado em seu trabalho “On the Monkeys of the Amazon”, publicado em 1852.

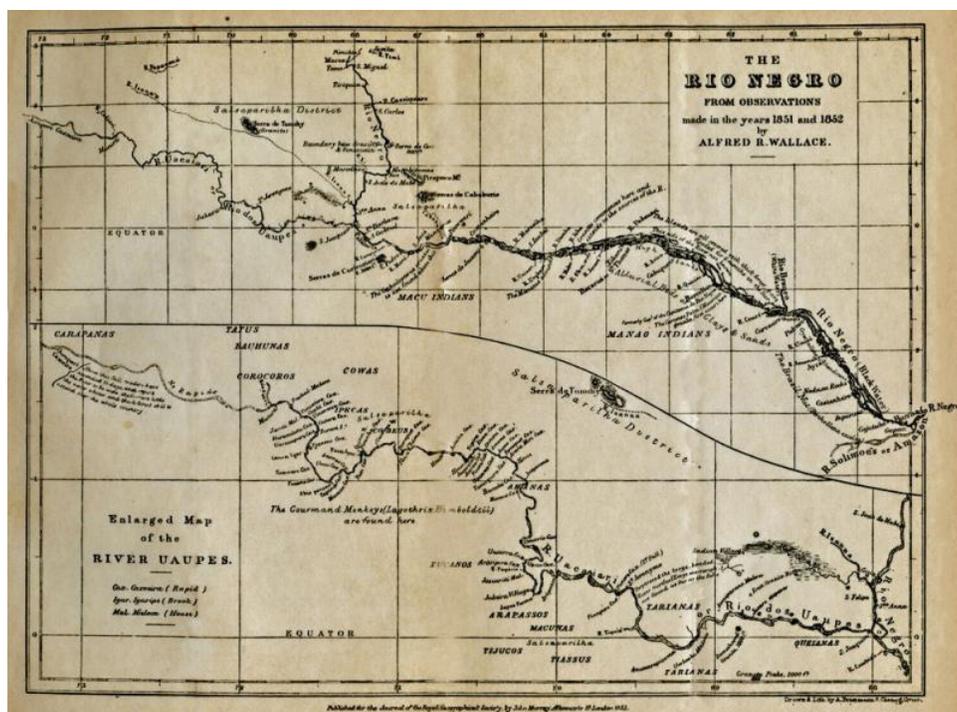


Figura 1. Mapa de observações do Rio Negro nos anos de 1851 e 1852.

Fonte: WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Notas de Basílio de Magalhães. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

Não obstante essa riqueza obtida com muito esforço por Wallace ao longo dos anos dessa viagem, uma tragédia ocorreu em sua volta para Inglaterra: o navio no qual Wallace, seus escritos, suas coletas e materiais se encontravam, pegou fogo, conseguindo Wallace salvar poucas peças de sua coleção. Mas Alfred Russel Wallace apesar de todo

esse empecilho, conseguiu publicar diversas informações de suma importância científica sobre o norte do Brasil, e com outra viagem realizada por ele para o Arquipélago Malaio, o consagrou como um dos nove mais importantes do naturalismo científico no século XIX até os dias atuais.

Jean Louis Rodolphe Agassiz nasceu em 28 de maio de 1807, em Môtier, no Cantão⁶ de Friburgo, Suíça. Seu contato com o estudo naturalista se deu após a morte de Johann Baptist von Spix⁷, o qual Agassiz ficou encarregado de catalogar os peixes coletados e deslocados do Brasil pelo naturalista, isso no ano de 1829. Desenvolveu diferentes estudos em diversas áreas como: paleontologia; geologia; geografia; zoologia etc. Dedicou grande parte de sua vida e seus estudos para o Museu de História Natural de Cambridge, nos Estados Unidos.

Dentre os anos de 1865 e 1866, o casal Jean Louis Rodolphe Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz empregaram uma viagem para o Brasil com o objetivo de estudar a fauna e a flora brasileira, centralizando na Ictiologia⁸, com o intuito de responderem questões latentes da época, como por exemplo a teoria de Louis que a América passou por um período glacial, mas principalmente a distribuição geográfica dos peixes seguindo seu caráter evolutivo, além disso, ampliar a coleção de peças para o Museu de História Natural dos Estados Unidos. O casal percorreu com ênfase na região Sudeste do Brasil, iniciando no Rio de Janeiro, e posteriormente na região Norte, seguindo o Pará, o Amazonas e seus tributários. Como resultado dessa viagem, o casal produziu seus relatos de viagens, escrito majoritariamente por sua esposa Elizabeth, com algumas inserções do próprio Louis. Diferentemente de Wallace, a viagem do casal foi amplamente auxiliada por, antes e durante a partida, instituições, empresas privadas e principalmente por figuras notórias, inclusive do então imperador do Brasil, Dom Pedro II.

Chegaram ao rio Amazonas no dia 20 de agosto, em uma embarcação dita por Agassiz (2000) ser “impossível gozar de maior conforto que o que nos cerca”. Contava com amplo camarote para dormir, com cabines de vestir e banheiro anexados, mesa comprida para realizar refeições e vasto espaço para acomodar mais pessoas. Desde que teve contato com o rio, empenhou-se em angariar seus espécimes e registrá-los com anotações e desenhos. Para a obtenção desses animais, a pesca, mas principalmente o auxílio de pescadores indígenas, era o método mais empregado. Por onde passavam, os habitantes locais levavam diferentes espécies de peixes, os quais Louis Agassiz dedicava exclusivamente seu dia para catalogá-los. Em uma outra carta⁹ enviada a sua mãe, Agassiz relata o sucesso de sua missão ictiológica quando deixou o Pará:

Deves avaliar a minha surpresa quando obtive imediatamente de 500 a 600

6 Cantão é um nome dado a algumas divisões territoriais do continente Europeu.

7 Johann Baptist von Spix (1781-1826) foi um naturalista alemão de grande importância no meio científico. Visitou o Brasil no ano de 1817 e desempenhou seu estudo em ictiologia.

8 Ictiologia é o estudo dos espécimes de peixes, bem como seu desenvolvimento e sua distribuição geográfica.

9 Carta enviada no dia 7 de julho de 1866, poucos dias após iniciar a volta aos Estados Unidos.

espécies e, finalmente, quando deixei o Pará, levava comigo cerca de 2000, isto é, dez vezes mais do que as espécies conhecidas antes de empreender eu a minha viagem. Grande parte desse sucesso cabe ao governo brasileiro que me forneceu, para os meus trabalhos, facilidades absolutamente fora do comum. (AGASSIZ, p. 506)

Embora nesse período em que visitaram a região norte do Brasil o clima fosse relativamente agradável, havia um grande problema nessa região, ou melhor, um pequeno problema: os mosquitos. É descrito por Elizabeth Agassiz a constância desses pequenos insetos e o perigo que eles representavam não só pelo incomodo diurno e noturno, que impossibilitava uma noite de sono tranquila a quem não usasse um mosquiteiro, mas principalmente pelas doenças que carregavam:

Quando esses rudes habitantes da floresta¹⁰ terminaram os seus preparativos noturnos, atiraram sobre a fogueira um pouco de lenha verde e apagaram as chamas; espessas nuvens de fumaça se elevaram, envolvendo as tendas com certeza para afugentar as legiões de mosquitos. Esses insetos são realmente temidos dos indígenas como dos estrangeiros; ao cair da tarde, não há um ponto do alto Amazonas que não seja invadido por chusmas de mosquitos e, durante o dia, uma pequenina mosca voraz, chamada *pium*¹¹, não é menos incômoda. (AGASSIZ, p. 207)

Além do *pium*, o mosquito-prego, ou *Anopheles*, é bastante descrito ao longo do relato. A fêmea infectada desse mosquito é responsável pela transmissão da malária, uma doença endêmica que ocasionava febre intensa, cansaço, convulsões, hemorragias e poderia levar a morte. Não só esses mosquitos representavam perigo para esses viajantes, verminoses, insetos peçonhentos, cólera, tifo, disenteria e uma infinidade de outras enfermidades que demandavam constante atenção. Havia também o *muçum*, uma espécie de carrapato-estrela causa bastante desconforto, pois se aloja embaixo da pele causando erupções cutâneas e uma coceira insuportável. Outra problemática não muito citada, mas nem por isso menos presente, são os acidentes que ocorriam corriqueiramente, quedas de árvores, amputações, afogamentos, fraturas etc.

Apesar de estarem mais bem equipados que se comparado a Wallace, contudo não estavam imunes das dificuldades em se conservar as espécies obtidas:

[...] a decomposição se processa muito depressa neste clima, e se não se cuida imediatamente dos exemplares trazidos, era uma vez, estão perdidos. Para que se possa fazer uma ideia da riqueza das cores, é preciso que as aquarelas sejam feitas quando os animais estão bem frescos [...] (AGASSIZ, p. 255)

Devido ao clima quente e úmido presente na região norte do país, a decomposição se dava de maneira acelerada, de um dia para o outro ou de uma manhã para a tarde, caso não iniciasse os primeiros processos de conservação, o material se perdia. Além disso,

10 Elizabeth Agassiz chama de “rudes habitantes” um grupo indígena de Tonantins, um município do interior do estado do Amazonas, que encontraram por um tempo.

11 Mosquito do gênero *Simulium*, quase imperceptível a olho nu, mas a reação de sua picada pode ocasionar alergias, coceira extrema, oncocercose, leishmaniose, entre outras parasitoses.

a botânica, a biologia, a paleontologia, ademais, o trabalho empregado pelos naturalistas, tanto no âmbito de registrar por meio escrito ou visual, mas principalmente as coletas realizadas impulsionaram a criação e disseminação de museus de história naturais, cuja produção científica teve um “boom” tanto no aspecto quantitativo quanto no qualitativo. No Brasil, mediante esse movimento, a produção de diversos estudos científicos voltados para as áreas naturais, biológicas, geográficas, médicas etc., que estão presentes nos relatos, diários, cartas, publicações, ora aqui analisados, serviram de alicerce para o aperfeiçoamento dessas mesmas linhas que seguiam padrões que não contemplavam a magnitude da realidade. Posso citar, por exemplo, graças a viagem de cientistas, como do médico francês Alphonse Rendu que esteve no Brasil na primeira metade do século XIX, a transformação do pensamento médico-sanitário vigente nesse período, seguindo a teoria dos miasmas e passando para um pensamento de maior cientificismo acerca das causas de doenças e maneiras de tratamento.

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Luís e AGASSIZ, Elizabeth. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula – 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. Mitos, emblemas e sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 93-125.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. **O carnaval de Romans: da Candelária à Quarta-Feira de Cinzas (1579-1580)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. in: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 133-161.

PRATT, Louise Mary. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierrez; revisão técnica: Maria Helena Machado, Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Notas de Basílio de Magalhães. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

SITES ONLINES

<http://wallacefund.info/>

<http://wallace-online.org/>